

COMEÇANDO A ANALISAR CADERNOS DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: uma busca de indícios de matemática em um caderno de aluno de 1937 – 1938

Mônica Flugel Alves¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo, dar início a uma investigação, de como se dava o ensino de matemática nas séries iniciais, do ensino fundamental no Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul, no período anterior a 1940, com o interesse de descobrir que metodologias eram institucionalizadas e de que forma elas eram empregadas, especialmente as que se propõe a estimular o cálculo mental. Além disso o projeto tem o intuito de destacar, a importância dos cadernos escolares para as pesquisas relacionadas a História da matemática no Brasil, e para tanto tem a pretensão de dar início à comparações, tentando identificar semelhanças de metodologias, entre cadernos escolares, livros, cartilhas e registros orais de pessoas que estudaram no período mencionado.

Palavras-chave: Cadernos. História da matemática. Métodos de ensino. Cálculo Mental.

INTRODUÇÃO:

A partir do ano de 2015, sendo aluna do professor Doutor Diogo Franco Rios da Universidade Federal de Pelotas, comecei uma aproximação com o projeto de pesquisa coordenado por ele, “Educação Matemática no Rio Grande do Sul: instituições, personagens e práticas entre 1890 e 1970” (RIOS, 2015), o projeto tem como objetivos, identificar em diferentes instituições ligadas à educação no Rio Grande do Sul, personagens e práticas ligadas ao ensino de matemática, tentando analisar como se apropriavam de modelos de ensino em circulação no país. Meu trabalho junto ao projeto consiste em colaborar, com a digitalização do acervo escolar do Colégio Municipal

¹ **Licencianda** em Matemática da Universidade Federal de Pelotas – UFPel.
E-mail:alves398@yahoo.com.br.

Pelotense² onde, fazemos uso de câmeras digitais e escâner para o trabalho, antes da minha chegada ao grupo, já havia sido feito todo um trabalho de higienização, catalogação e adequação do armazenamento dos documentos, em uma sala cedida pela escola, atualmente temos mais de 5 mil documentos digitalizados, como diários de classe, livros-ponto, atas de reunião, folhas de planejamentos, certificados, provas, pontos de provas, folhas de pagamentos e compras, dentre outros, armazenados provisoriamente em um e-mail institucional com intuito, de tornar esse acervo disponível a sociedade acadêmica.

O projeto do Colégio pelotense me aproximou de pesquisas relacionadas a História da educação matemática, me dando motivação para realização do trabalho de investigação, sobre o que diz respeito ao ensino de matemática nas primeiras décadas do século XX, tendo como início da pesquisa, análises em cadernos do período da década de 30, o interesse por esse intervalo temporal, se dá por observação durante minha infância, da facilidade com que meu avô tinha de resolver problemas mentalmente, na época me passava despercebido que tanta facilidade, havia sido estimulada no período em que ele estudara, e que meu pai, que também tem grande agilidade nesse recurso de calcular mentalmente, havia aprendido com ele e não na escola. Eu, de minha parte, não sabia fazer o mesmo, porque nem um dos dois me ensinou e a escola no período em que eu estudei, havia modificado seus métodos de ensino passando a tornar seus conteúdos mais abstratos.

Desde que ingressei à universidade e tive meus primeiros contatos com a história da matemática, junto ao grupo coordenado pelo professor Doutor Diogo Rios, surge a necessidade de apropriar-me de conhecimentos acerca do ensino do cálculo mental nas primeiras décadas do século XX. O presente trabalho trouxe-me a possibilidade de iniciar uma investigação no tema referido, com a proposta de escrever sobre a importância dos cadernos escolares para a História da Educação Matemática, demonstrando justificativas para sua preservação, surge a necessidade de busca por cadernos a fim de serem investigados indícios matemáticos em seu conteúdo. Minha busca se deu com colaboração da colega Luciane Luz, junto ao acervo do grupo de pesquisa História da Alfabetização,

² O Colégio começou suas atividades em setembro de 1903, sendo chamado de Gymnasio Pelotense e, em 1948, passou a se chamar Colégio Municipal Pelotense.

Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – HISALES³, onde optei por efetuar a busca de indícios matemáticos de um caderno de 1937 – 1938, digitalizado por ela que se encontra junto ao repositório digital da Universidade federal de Santa Catarina – UFSC⁴.

O uso de cadernos escolares em investigações que produzem análises no que diz respeito a história da educação matemática é de suma importância pois como diz Fonseca 2014, em suas afirmações:

[...]os objetos preservados portam pistas das múltiplas maneiras como professores e alunos constituíram inteligibilidades e suscitam a investigação sobre as diferentes formas de apropriação desses conhecimentos,

(FONSECA, *et al.*, 2014, p.13)

Assim, com base nessa afirmação, podemos justificar a importância dos acervos escolares, responsáveis por manter vivos as práticas e metodologias de ensino de tempos distintos, que nos auxiliam a esclarecer questionamentos, sobre atividades em sala de aula em temporalidades diferentes.

O CADERNO

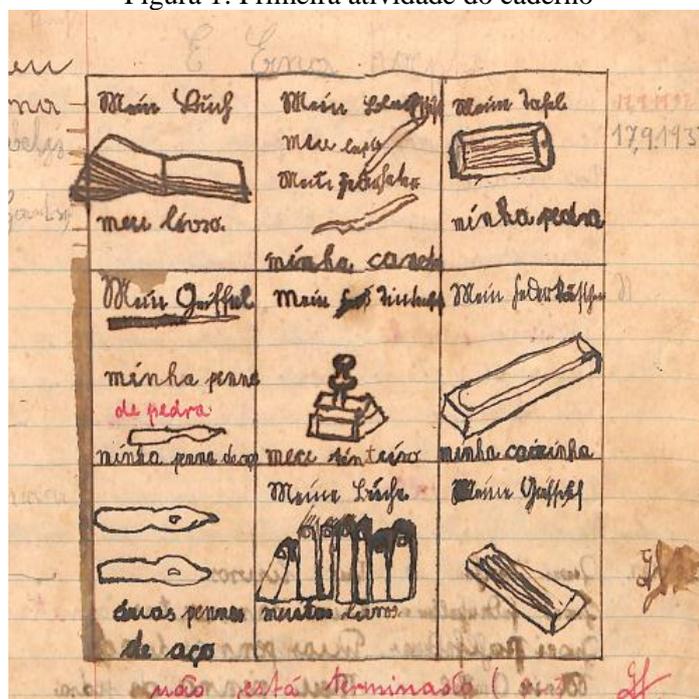
O referido caderno que discutirei aqui, não possui nome do aluno ou, do professor é do tipo brochura, sem capa ou contra capa, com dimensões 21,5cm x 16 cm, possui 24 páginas, todas escritas a caneta, tem seu início de utilização com um exercício datado do dia 19 de setembro de 1937 e, o encerramento de seu uso, pode ser identificado através de um exercício de conjugação verbal, no dia 28 de outubro de 1938.

A primeira atividade do caderno trata-se de um exercício, (figura 1), onde o aluno preenche uma tabela com desenhos de objetos e o seu respectivo significado, primeiramente em uma língua estrangeira, acima do desenho e, posteriormente, em português abaixo do desenho, como se nota na figura a seguir.

³ Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFPel e reúne pesquisadores desta e de outras instituições de ensino da região Sul, sob a coordenação da professora Dra. Eliane Teresinha Peres.

⁴ <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/173891>

Figura 1: Primeira atividade do caderno



Fonte: Repositório UFSC

O primeiro desenho da tabela traz se de um livro e, acima do desenho está escrito em língua estrangeira e abaixo “meu livro” em português. A língua estrangeira é encontrada em várias partes do caderno, mas de difícil leitura, devido a grafia, do passar dos anos, que tornou a tinta dos escritos mais fraca, e pela falta de oportunidade para encontrar alguém que pudesse me auxiliar na identificação do idioma. A princípio acreditei ser alemão, pelas coincidências das palavras “meine” e “zwei”, meu e dois, em português, respectivamente. No entanto, várias outras palavras que conheço em alemão não coincidem com as escritas no caderno, por isso, prefiro não efetuar afirmações sem comprovações. O que me foi informado através de familiares e antigos vizinhos é que, além do alemão e do pomerano⁵, havia outros dialetos germânicos falados no Brasil e que acabaram se perdendo com o passar dos anos, principalmente pela proibição em se falar ou, ensinar línguas

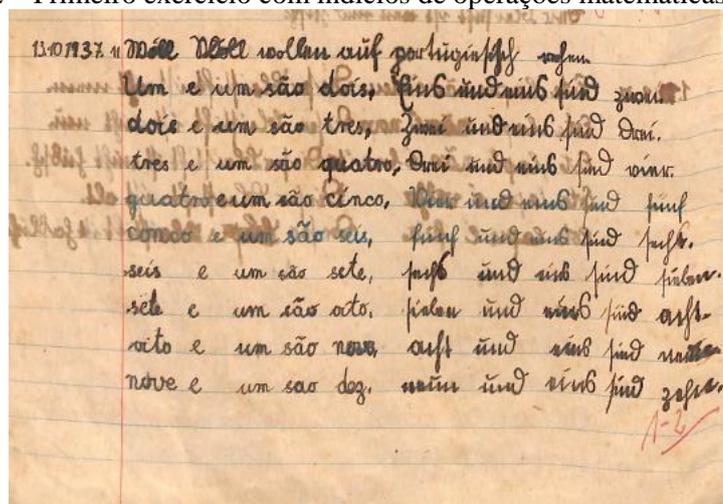
⁵Etnia que muito tempo foi considerada alemã, imigrou no século XIX para o RS, mas mantém língua e costumes diferenciados do alemão. (THUM, 2009, WEIDUSCHADT, 2007).

estrangeiras na escola posteriormente a nacionalização do ensino(década de 40) ⁶ esse é um assunto que me atrai pelas relações culturais e familiares e que acredito ser pertinente aos estudiosos de história e história da educação, mas não à história da educação matemática propriamente.

Nos dias 23, 24, e 29 de setembro de 1937 e 1, 8 e 13 de outubro do mesmo ano há exercícios semelhantes ao da imagem, mas desta vez há o emprego de frases, alternando entre língua portuguesa e sua tradução em outra língua.

Na aula registrada no dia 13 de outubro de 1937 há o primeiro registro no caderno analisado de práticas matemáticas, estas referentes à soma, o exercício é escrito por extenso, novamente uma frase em português e outra em uma língua estrangeira não identificada.

Figura 2 – Primeiro exercício com indícios de operações matemáticas



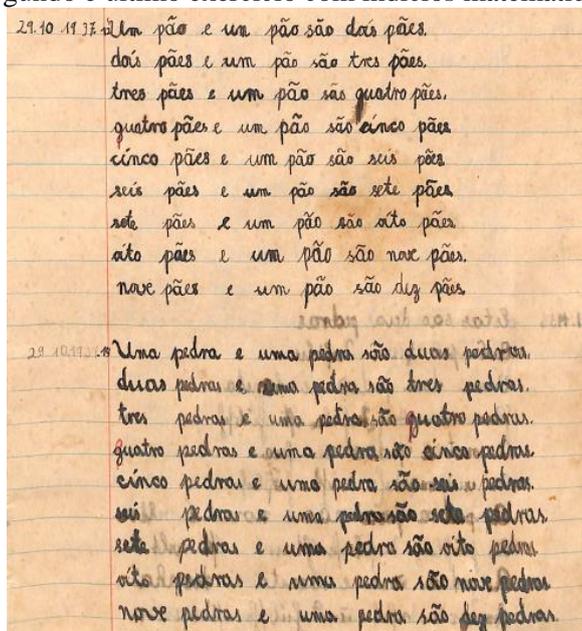
Fonte: Repositório Digital UFSC

No exercício do dia 29 de Outubro de 1937 ocorreu outro exercício matemático, desta vez a atividade foi efetuada somente em português, com substantivos associados primeiro no masculino com pães e na sequencia um exercício similar, mas no feminino

⁶ A política de nacionalização do Governo Vargas teve como alvo a centralização do ensino. As escolas de imigração sofreram repressão, proibiu-se a língua alemã no espaço escolar, nas igrejas, na imprensa, enfim na vida cultural, religiosa e educativa das comunidades étnicas, a partir do final da década de 1930. Esta política foi um divisor de águas na organização e cultura escolar destas comunidades. Para saber mais sobre a política de nacionalização ver em Schartzmann, Bomeny e Costa (1984).

com pedras como exemplo, e esse foi o segundo e último exercício com relação matemática sugerido no caderno.

Figura 2 – segundo e último exercício com indícios matemáticos do caderno



Fonte: Repositório digital da UFSC

Na continuação do caderno constam mais quatro atividades dentro do ano de 1937 datadas em dias distintos, sendo a última prática do ano de 1937 datada, no dia 1 de dezembro, temos novamente frases cotidianas, como alguns exemplos temos, “O livro é novo, a pedra é preta”, “O lápis é bonito a pena é velha”, “O professor escreve com giz na pedra grande”, “Veja ali o pano para apagar” outra vez primeiro a frase escrita em português e logo em seguida seu significado em língua estrangeira. O próximo exercício traz uma questão relacionada com a minha investigação, a data é de 17 de fevereiro de 1938, logo não fica claro se o caderno era utilizado, como caderno de temas, de rascunho ou, se era comum o reaproveitamento de material de um ano para outro, uma lacuna com potencial de ser abordada no decorrer do projeto.

A partir da análise do caderno podemos evidenciar em seu conteúdo, várias das práticas cotidianas em sala de aula e não apenas o que é dado como atividade, dialogando com Fonseca (2014), quando ela afirma que:

[...]os cadernos escolares podem ser considerados como um produto da cultura escolar e não apenas como um produto da atividade diária da sala de aula, tornando-se uma fonte-objeto de potencial estudo que pode fornecer indícios da realidade material da escola e do que nela se faz.

(FONSECA, *et al.*, 2014, p.13)

Pois, com os indícios encontrados através de três frases em um caderno de um aluno dos anos de 1937 – 1938, obtivemos informações sobre o uso de sete objetos, livro, pedra, lápis, pena, giz, pedra grande e pano, utilizados como material de ensino em sala de aula, reafirmando, assim, a importância da preservação dos cadernos escolares, visto que, eles nos trazem muitas informações não só sobre as práticas escolares, mas também sobre a realidade social de uma época.

O que pude perceber nos exercícios referentes a esse ano letivo de 1938 é que, se conservaram dando enfoque à escrita alternada entre o português e a língua estrangeira, com frases mais longas, dessa vez sem nem uma referência às questões matemáticas, ainda com vários dias de diferença entre um e outro exercício, o que aumenta a inquietação em aprofundar conhecimentos nas formas de ensino, especialmente ensino matemático nas primeiras décadas do século.

POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS IDENTIFICADAS NO CADERNO PARA O PERÍODO

Uma primeira pista de que os métodos de ensino pudessem ser diferentes dos empregados na atualidade foi, ao analisar o caderno de 1937 – 1938, percebi que havia poucos vestígios de atividade matemática, ou seja, quase não encontrei sequência exercícios, tão comum nos dias de hoje.

A partir desse momento, comecei uma busca sobre os possíveis métodos de ensino de matemática utilizados nas primeiras décadas do século passado, a partir dos vestígios desse objeto escolar.

Para dar início à busca por coisas que justifiquem, a pouca utilização do caderno escolar, e o enfoque no desenvolvimento do cálculo mental nas primeiras décadas do século passado, comecei a leitura de uma tese de Fernanda Wanderer 2007, “Escola e

Matemática Escolar: Mecanismos de regulação sobre sujeitos escolares de uma localidade rural de uma comunidade Alemã do Rio Grande do Sul” que tem como objetivo analisar os discursos sobre a escola e a matemática escolar em um grupo de colonos, descendentes de alemães evangélico- luteranos, que frequentavam uma escola rural no município de Estrela, quando a efetivação dos decretos que instituíram a campanha de Nacionalização, para dar sustentação ao seu trabalho a autora efetuou inúmeras entrevistas com moradores da região que estudaram na escola de Portão no período mencionado.

A partir, das análises de entrevistas de ex- alunos e de cartilhas do período, no que diz respeito ao ensino de matemática Wanderer (2015) diz que:

[...] nos processos pedagógicos postos em ação na escola de Costão, foram sendo instituídas técnicas de memorização e repetição direcionadas para a aprendizagem da tabuada e das operações matemáticas.

(WANDERER, 2015, P. 188).

Nessa parte do texto wanderer, menciona as técnicas relatadas pelos entrevistados com a finalidade de estimular as atividades de cálculo mental, que segundo indícios era feita de forma gradual e repetitiva pelos alunos de Portão

A segunda dissertação que tive acesso refere- se as legislações e aos livros utilizados, referentes às escolas de ensino primários no Rio Grande do sul, nas primeiras décadas do século XX, de Joseane al Hawat, tem como objeto de estudo, “Os saberes elementares matemáticos nas escolas isoladas de Porto Alegre, entre os anos de 1873 e 1919”. Para tanto, foram analisados regulamentos e regimentos relativos à Instrução Pública, com o intuito de apresentar as escolas isoladas na organização do ensino público do RS, no que diz respeito ao ensino de matemática Hawat (2015), diz que:

No que diz respeito ao método de ensino, fica evidente que a obra não tem como foco, o uso de materiais concretos, como a contagem ou, soma de pequenos objetos, como sugerido nos programas de ensino. Dessa forma o uso do método intuitivo, não é pautado na obra, ficando a mesma ainda ancorada, na memorização por parte dos alunos.

(HAWAT, 2015, p.102).

A autora faz referência a um livro utilizado, durante o período investigado por ela que é denominado, “RUDIMENTOS ARITHMÉTICOS ou TABOADAS, de Antônio Maria Barker, popularmente conhecido como Taboadas de Barker, com intuito de

desenvolver o cálculo mental e a resposta oral, sendo um livro muito utilizado nas primeiras décadas do século passado, nas escolas de ensino primário no Rio Grande do sul, quanto ao resto do país, ainda não posso efetuar afirmações.

O primeiro exercício encontrado no caderno (ver figura 1), deu várias sugestões no que diz respeito ao cotidiano escolar deste aluno, dos possíveis motivos para o caderno não ter sido escrito em todos os dias letivos e a realidade do período pois, os objetos desenhados a serem nominados eram, livro, caneta, pedra⁷, pena de aço, pena de pedra, tinteiro.

Através de pesquisas utilizadas para ajudar a entender os indícios encontrados no caderno analisado, encontrei evidências em Wanderer (2007) do uso do quadro negro da sala de aula, como método de desenvolvimento de aprendizagem pelos professores durante às primeiras décadas do século passado, em substituição ao caderno escolar.

Parte de uma das entrevistas efetuadas por Wanderer traz o depoimento de uma aluna do período da década 30 de, “A gente tinha que ir lá [no quadro-negro] fazer o negócio, aquela conta lá também, né. E, pra fazer contas, assim, eu era bem boa, porque eu sabia bem a tabuada” (WANDERER, 2007, p. 172). De acordo com a entrevista, havia o hábito por parte dos alunos de resolver os cálculos propostos como atividade pelo professor no quadro negro, além do uso do caderno.

Outro método utilizado, evidenciado por Wanderer em substituição ao caderno escolar é o uso da pedra ardósia, que cada aluno possuía, “de acordo com seu Seno as contas matemáticas tinham que ser feitas na pedra” (WANDERER, 2007, p. 167).

De acordo com outra entrevistada de Wanderer 2007.

O professor, então, dizia 1, 2, 3 e 4, os números [dos exercícios a serem realizados]. Então, nós tinha que botar nessas nossas pedras, né. As pedras que a gente usava. E nós tinha que fazer em casa e outro dia levar na escola pra ver se nós fizemos direito, né.

(WANDERER, 2007 p.172).

Essa autora também levantou em suas investigações o uso de cartilhas no período, uma das entrevistadas disponibilizou a autora uma das cartilhas utilizada por um familiar, denominada cartilha, Meu Livro de Contas vol, 2, onde se tem acesso aos seguintes exercícios

⁷Também chamada de ardósia, mini quadro negro utilizado pelos alunos no início do século passado, onde os mesmos efetuavam exercícios de cálculo e escrita, que eram feitos e apagados.

Figura 4 – Exercício da cartilha Meu Livro de Contas, vol.2.

Dizei em duas respostas! ($21 + 43 = \dots 61, \dots \mathbf{64.}$)

17.	18.	19.	20.
$21 + 43 =$	$47 + 15 =$	$67 + 26 =$	$68 + 13 =$
$56 + 16 =$	$53 + 19 =$	$58 + 13 =$	$55 + 36 =$
$35 + 53 =$	$75 + 23 =$	$12 + 79 =$	$39 + 48 =$
$38 + 36 =$	$49 + 33 =$	$37 + 13 =$	$11 + 69 =$
$64 + 28 =$	$66 + 25 =$	$25 + 37 =$	$46 + 34 =$
$13 + 38 =$	$45 + 39 =$	$54 + 29 =$	$63 + 18 =$
$82 + 14 =$	$33 + 59 =$	$69 + 35 =$	$28 + 58 =$
$29 + 55 =$	$17 + 47 =$	$77 + 22 =$	$67 + 14 =$
$78 + 17 =$	$18 + 57 =$	$15 + 78 =$	$34 + 57 =$
$19 + 76 =$	$79 + 18 =$	$65 + 24 =$	$43 + 28 =$

Fonte: Wanderer, 2007

O exercício demonstra através do termo “dizei” que eram tomadas lições orais, onde o aluno deveria dar o somatório resultante em duas respostas, na primeira resposta era verbalizado a soma da primeira parcela com as dezenas da segunda parcela e em sequência somado ao montante as unidades da segunda parcela.

Figura 5 – Exercício da cartilha Meu Livro de Contas, vol.2

Dizei em duas respostas! ($55 - 39 = \dots 25, \dots \mathbf{16!}$)

25.	26.	27.	28.	29.
$55 - 39 =$	$52 - 38 =$	$68 - 29 =$	$97 - 49 =$	$55 - 37 =$
$48 - 29 =$	$73 - 59 =$	$86 - 37 =$	$47 - 29 =$	$96 - 68 =$
$41 - 23 =$	$86 - 58 =$	$98 - 59 =$	$83 - 44 =$	$62 - 35 =$
$100 - 67 =$	$85 - 62 =$	$98 - 73 =$	$75 - 48 =$	$73 - 44 =$
$66 - 19 =$	$37 - 26 =$	$88 - 39 =$	$44 - 16 =$	$77 - 28 =$
$81 - 22 =$	$76 - 46 =$	$92 - 72 =$	$65 - 28 =$	$86 - 69 =$
$71 - 11 =$	$84 - 54 =$	$67 - 57 =$	$97 - 29 =$	$93 - 74 =$
$48 - 17 =$	$79 - 34 =$	$52 - 23 =$	$32 - 19 =$	$94 - 76 =$
$62 - 41 =$	$97 - 82 =$	$68 - 57 =$	$44 - 28 =$	$43 - 33 =$
$72 - 53 =$	$82 - 56 =$	$75 - 57 =$	$36 - 17 =$	$58 - 24 =$

Fonte: Wanderer, 2007

No que diz respeito a subtração os alunos também eram orientados a dar o resultado de forma oral em duas respostas, subtrair da primeira parcela as dezenas da segunda parcela, dizer o primeiro resultado, depois subtrair as unidades da segunda parcela e então falar o resultado final.

Através das afirmações efetuadas por Wanderer 2007, podemos ter indícios mais concretos sobre os motivos para as datas da caderno avaliado ter datas tão esparsas, afinal, nem sempre os cadernos eram utilizados, como alternativa usava-se o quadro negro da

sala, a pedra do aluno ou cartilhas que desenvolvessem a resposta oral e conseqüentemente o desenvolvimento do cálculo mental.

Ao efetuar uma busca por livros do período que demonstrassem as metodologias do período, de uma forma que o caderno escolar fosse pouco empregado, encontrei junto ao repositório digital da universidade de Santa Catarina o livro Primeira “Arithmetica para Meninos”, de José Theodoro de Sousa Lobo, editora do Globo Porto Alegre 1930⁸.

Segundo a ficha catalográfica do acervo digital, a obra foi aprovada pelo Conselho da Instrução e por uma comissão da escola militar, adaptada as escolas públicas do Rio Grande do Sul e em quase todos os colégios particulares do mesmo estado, como podemos comprovar essa afirmação através do diálogo com Hawat (2014), que afirma que:

[...] a obra foi desenvolvida inicialmente para orientar a educação de crianças do gênero masculino, em virtude do interesse do autor em utilizá-lo no Colégio Souza Lobo, uma escola para meninos. Entretanto, o livro passou a ser utilizado em outras instituições, podendo ser considerado como uma obra de sucesso e aceitação, pois atingiu sua 52ª edição, em 1956.

(HAWAT, 2014, p. 678)

O grande número de edições feitas do livro, sugere que ele tenha tido grande importância para a educação, especialmente para a do Rio Grande do sul, no que diz respeito ao seu conteúdo, já nas primeiras páginas do livro, observa-se uma tabuada da soma, a ser utilizada com os alunos no transcorrer do ano letivo o que já demonstra aparentemente o intuito de desenvolver exercícios orais e cálculos mentais.

Durante o transcorrer da pesquisa me detive a procurar evidências de uso alternativo ao caderno do aluno, o capítulo I do livro de Sousa Lobo sobre Números Inteiros e mais precisamente os exercícios direcionados a desenvolver o cálculo mental e a resposta oral. Em momento algum o livro faz menção ao termo cálculo mental mas, é perceptível pelo uso do mesmo nos exercícios denominados exercícios orais; exercício oral da soma, exercício oral da subtração, exercício oral da multiplicação, exercício oral da divisão.

Um exercício que me chamou a atenção como possível alternativa ao uso do caderno neste livro é, a atividade da página 22, que tem como título “exercícios orais”, em

⁸ <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100100>

seguida o termo, “Quantos fazem”, em sequência uma lista de 80 exercícios de subtração, divididos em grupos de 10, como exemplo das práticas temos, “5 menos 2?”, 9 menos 3?, 12 menos 5?, 18 menos 6? , posteriormente outro bloco, agora contendo 60 exercícios divididos em 6 blocos de 10, onde o termo “menos” é substituído por “para”, 12 para 14?, 18 para 21?, 24 para 32?, 32 para 39?, fazendo com que o aluno reflita quanto ele deve somar ao número inicial para que se alcance o segundo número sugerido, estimulando assim, o hábito do aluno de fazer contas mentalmente.

Os exercícios do primeiro capítulo do livro de Souza Lobo, demonstram o grande estímulo à exercícios orais nas primeiras décadas do século XX, através de multiplicação soma ou, subtração, de forma contínua e padronizada, assim também nos fala Wanderer (2007) “nos processos pedagógicos postos em ação na escola de Costão, foram sendo instituídas técnicas de memorização e repetição direcionadas para a aprendizagem da tabuada e das operações matemáticas p.188”. Com o início de minha investigação é sugerido, que o uso do caderno como metodologia de ensino, era pouco utilizado até o início do século XX, através do estudo de Wanderer, podemos iniciar uma compreensão a respeito dos motivos que levam o caderno analisado a ter datas tão esparsas entre um exercício e outro já que, muito se utilizava de métodos alternativos ao uso do caderno especialmente métodos que estimulavam o cálculo mental e a resposta oral.

Observando o caderno do período de 30 à sugestões de que os métodos de exercícios orais, bem como outras metodologias alternativas, como livros e cartilhas ou, o uso de material concreto eram utilizados, como sugere (Hawat 2014), “o emprego de “pedrinhas”, de “grãos”, sugeridos no programa de 1899 ou como indicado em 1910, tomando o “auxílio de varinhas” para tais operações” p. 683, já que pouco foi encontrado de exercícios de matemática na forma escrita, quando estes tiveram ocorrência, foram executados mais, para desenvolver a formalização da escrita do aluno do que para estimular conhecimentos matemáticos propriamente ditos.

CONSIDERAÇÕES

O projeto de busca por práticas e metodologias sobre o ensino de matemática, com interesse especial pelo estímulo ao cálculo mental nas primeiras décadas do século XX, está em fase inicial de pesquisa e há muito a ser buscado, sei que o caminho para encontrar material referente ao período, necessita grande demanda de trabalho, mas também tenho consciência da riqueza e do potencial que esse projeto possui, para realização dessa investigação não posso deixar de ressaltar a importância dos cadernos escolares que de uma forma ou, outra trazem indícios, no que diz respeito não só às práticas educacionais bem como o cotidiano escolar que envolve, alunos, professores, e as relações da comunidade para com a escola.

A partir dessa etapa continuarei investigando, o que diz respeito as formas de ensinar matemática, empregadas nas escolas do Rio Grande do Sul até o início da década de 40, que venham a contribuir com a formulação de um conceito, de como se dava a educação matemática nas primeiras décadas do século XX nesse estado. Para tanto pretendo buscar conhecimentos, em relação as legislações e decretos vigentes para o período, efetuar leituras de artigos, teses e dissertações que discorram sobre a educação matemática no estado nesse período, efetuar a busca de cadernos, livros e personagens que possam me auxiliar nessa pesquisa além disso, tenho consciência da necessidade de me aprofundar na compreensão das concepções e ideias que me aproximem com o campo da História da Educação Matemática No Brasil para poder elaborar um bom trabalho.

REFERÊNCIAS

AMARAL, G. L. **Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da história da educação em Pelotas**. 2. ed. Pelotas: Seiva, 2005.

BACHINI, Monica Alves. **ETNOMATEMÁTICA E EDUCAÇÃO NO MEIO RURAL**. In: 20º encontro da Asphe – Porto Alegre – 2014 P.991 – 999. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/276880293/Anais-do-20%C2%BA-encontro-da-Asphe-Porto-Alegre-2014> ISBN: 978-85-88667-68-6 Acesso em 15/02/2017.

FONSECA, Nelma Marçal Lacerda; REIS, Diogo Alves de GOMES, Maria Laura Magalhães; FILHO, Luciano Mendes de Faria. **O CADERNO DE UMA PROFESSORA-ALUNA E AS PROPOSTAS PARA O ENSINO DA ARITMÉTICA NA ESCOLA ATIVA (MINAS GERAIS, DÉCADA DE 1930)**. Revista História da

XV Seminário Temático

Cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990

Pelotas – Rio Grande do Sul, 29 de abril a 01 de maio de 2017

Universidade Federal de Pelotas

ISSN: 2357-9889

Educação, Porto Alegre v. 18 n. 42 Jan./abr. 2014 p. 9-35

HAWAT, al Joseane. **O LIVRO DE SOUZA LOBO E O ENSINO DE ARITMÉTICA NO RIO GRANDE DOSUL DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA**. In: 20º encontro da Asphe – Porto Alegre – 2014 P. 673 – 688. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/276880293/Anais-do-20%C2%BA-encontro-da-Asphe-Porto-Alegre-2014> . ISBN: 978-85-88667-68-6 Acesso em 20/02/2017.

HAWAT, Joseane al. **Os saberes elementares matemáticos nas escolas isoladas de Porto Alegre, entre os anos de 1873 e 1919**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação. Centro de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, Porto Alegre, 2015.

<https://repositorio.ufsc.br/> - Acesso em 05/02/2017

RIOS, D. F. **Educação Matemática no Rio Grande do Sul: instituições, personagens e práticas entre 1890 e 1970**. Projeto de Pesquisa. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2015. 12f.

SCHARTZMANN, Simon; BOMENY, Helena e COSTA, Vanda. **Tempos de Capanema**. São Paulo, EDUSP, 1984.

THUM, Carmo. **Educação História e Memória: Silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes**. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação. Centro de Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2009 p. 7 - 384.

WANDERER, Fernanda. **ESCOLA E MATEMÁTICA ESCOLAR MECANISMOS DE REGULAÇÃO SOBRE SUJEITOSESCOLARES DE UMA LOCALIDADE RURAL DE COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL**. Dissertação de Doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2007 p.148 – 208.